



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Entre boateiros e espões: os ataques do submarino U-507 e os estrangeiros do Eixo sob o olhar da imprensa sergipana (1942-1945)^I

Dilton Cândido Santos Maynard^{II}

Priscila Antônia dos Santos^{III}

Resumo: Entre os dias 16 e 17 de agosto de 1942, na faixa litorânea entre Sergipe e Bahia, o submarino alemão U-507 torpedeou os navios mercantes brasileiros *Baependy*, *Araraquara*, *Aníbal benévolo*, *Itagiba* e *Arará*. Este artigo analisa o tratamento dispensado aos chamados “súditos do Eixo” (alemães, italianos e japoneses) pela imprensa sergipana, após a divulgação dos ataques. As análises foram baseadas na leitura de quatro periódicos sergipanos do período: *Correio de Aracaju*, *Folha da Manhã*, *O Nordeste* e o *Sergipe-Jornal*. O texto destaca as manifestações de revolta e perseguição a estrangeiros e o esforço frequente de parte da imprensa para apontar no estrangeiro o principal culpado pela tragédia nos mares brasileiros.

Palavras-chave: Quinta-coluna; Torpedeamentos; Segunda Guerra.

Between rumors and spies: the U-507 submarine attacks and the Axis foreigners under the eyes of the Sergipe press (1942-1945)

Abstract: Between August 16 and 17, 1942, on the coast between Sergipe and Bahia, the German submarine U-507 torpedoed the Brazilian merchant ships *Baependy*, *Araraquara*, *Aníbal benévolo*, *Itagiba* and *Arará*. This article analyzes how the “Axis foreign” were treated (Germans, Italians and Japanese) by the Sergipe press after the attacks of U-507. The analyzes were based on the four Sergipe newspapers of the period: *Correio de Aracaju*, *Folha da Manhã*, *O Nordeste* and *Sergipe-Jornal*. The text highlights the manifestations of revolt and persecution of foreigners and the frequent effort by the press to indicate the foreign as the main guilty for the tragedy in the Brazilian seas.

Keywords: Fifth Column, Submarine Attacks, World War II.

Introdução

Nos anos 1940, nos dias da Segunda Guerra, a provinciana Aracaju contava com cerca de 60 mil habitantes. O conflito se desenrolava na Europa e, ao menos espacialmente, era considerado um problema distante. Essa percepção foi sensivelmente alterada a partir da ofensiva submarina do U-507, comandada pelo *Korvettenkapitän* (Capitão-de-Corveta) Harro Schacht,

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

que torpedeou, entre os dias 15 e 17 de agosto de 1942, os navios mercantes brasileiros *Baependi*, *Araraquara* e *Aníbal Benévolo*, no litoral sergipano, e as embarcações *Itagiba* e *Arará* no litoral baiano. Evento que oficializou a entrada do Brasil como único país da América do Sul a se envolver belicamente no maior conflito mundial^{IV}.

Dentre as reações mais imediatas, observou-se a mobilização popular contra estrangeiros do Eixo (alemães, italianos e japoneses) residentes em Aracaju, a exemplo da depredação da casa do italiano Nicola Mandarinio. Passada a efervescência do evento, se observou que a imprensa sergipana passou a engajar um combate aos estrangeiros retratados como inimigos da nação. Sendo assim, este artigo tem por objetivo analisar como a imprensa local e as autoridades trataram os “súditos do Eixo” em Sergipe.

A documentação relativa aos desdobramentos desse ataque ao litoral brasileiro (jornais, registros de memorialistas, relatórios policiais, processos judiciais, leis) apresenta uma série de informações sobre o clima de desconfiança que pareceu se instalar na cidade de Aracaju, capital de Sergipe. Para tal estudo, foram utilizados os jornais sergipanos *O Nordeste*, *Correio de Aracaju*, *Sergipe-Jornal* e *Folha da Manhã*, no período de 1942-1945.

Analisando o *Correio de Aracaju* e o *Folha da Manhã*, identificamos que ambos pouco noticiaram sobre o ataque aos estrangeiros após os torpedeamentos. A escrita sutil para se referir ao evento possibilitou observar a censura realizada pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP). Já em *O Nordeste*, observamos uma postura completamente distinta; o periódico não apenas relatou as agressões, como também manifestou apoio aos atos de violência. Com o *Sergipe-Jornal*, o combate ao estrangeiro se prolongou até os anos finais da guerra.

Ao trabalhar com jornais, o historiador deve estar atento a todas as suas características: o seu aspecto físico, a disposição do conteúdo, a circulação, até o viés político dos seus produtores, para que se tenha uma compreensão histórica da fonte, como objeto construído por homens e mulheres em que nada é feito naturalmente, pois o que virou notícia já é uma seleção da redação. Conhecer o corpo editorial do periódico a ser trabalhado é crucial para compreender a quem serviam determinados discursos^V.

Os Estrangeiros do Eixo e a *Campanha de Nacionalização do Estado Novo*

Para autores como Gertz^{VI} e Seyferth^{VII}, os torpedeamentos feitos pela Alemanha aos navios brasileiros em 1942 provocaram a intensificação do tratamento hostil destinado aos estrangeiros do Eixo (alemães, italianos e japoneses) residentes no Brasil. Especialmente os decisivos ataques submarinos de agosto de 1942, pois estes levaram à declaração de guerra ao Eixo (Alemanha e Itália). O tratamento dispensado aos estrangeiros está inserido na *Campanha de Nacionalização* do imigrante, instituída pelo Estado Novo desde 1937.

Estima-se que, até a década de 1940, o Brasil contava cinco milhões de imigrantes. A maior parte dessas populações (especialmente alemães e japoneses) se estabeleceram em colônias rurais, principalmente nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul^{VIII}. Essas colônias não eram inteiramente assimiladas à cultura nacional; cada uma estabeleceu suas próprias instituições como escolas, igrejas, jornais etc. O modo como se organizaram preservava suas raízes, mas essa autonomia surgiu diante da alta de assistência do Estado^{IX}.

Para o governo brasileiro, os imigrantes recebiam a classificação de “alienígenas”, entendidos como “indivíduos não compatíveis com o pertencimento à nação brasileira”. No Estado Novo (1937-1945), a *Campanha de Nacionalização* seria responsável pelo abrasileiramento do estrangeiro, inspirada nas ideias da formação de um cidadão brasileiro ideal.

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

Entretanto, a guerra que estava por vir “transformou alienígenas em inimigos potenciais”; o problema antes restrito às políticas de imigração passou ao campo da segurança nacional com os desdobramentos da II Guerra^X.

Analisando o caso do Rio Grande do Sul, observou-se a existência de duas fases da “nacionalização” dos imigrantes do Eixo. A primeira, iniciada em 1938, ocorreu no campo do ensino, quando o Estado passou a intervir nas escolas rurais das colônias impondo o ensino da língua portuguesa e limitando o ensino apenas aos professores brasileiros. Nesse contexto, o sistema escolar nas comunidades rurais era “considerado um dos principais fatores responsáveis pela existência dos famigerados ‘quistos étnicos’”^{XI}.

Além da *Campanha de Nacionalização*, o alinhamento do Brasil com os EUA, que se desenvolvia desde 1930 com a política de Boa Vizinhança, se concretizava após o ataque à Pearl Harbor em dezembro de 1941; acontecimento que provocou a entrada do EUA na guerra e ampliou a pressão para o Brasil romper relações com o Eixo. Nessa perspectiva, “o tratamento dispensado aos ‘súditos do Eixo’ deixou de ser apenas uma questão nacional, para projetar-se como um dos elementos de negociação no campo da política internacional entre Brasil e Aliados”^{XII}.

A III Conferência dos Chanceleres no Rio de Janeiro, entre os dias 15 e 28 de janeiro de 1942, chegava ao fim com a decisão do rompimento das relações comerciais e diplomáticas entre o Brasil e o Eixo (Alemanha e Itália). A partir dessa decisão, a Alemanha respondeu com uma sucessão de torpedeamentos aos navios mercantes brasileiros, sendo o primeiro ataque em 16 de fevereiro ao *Loyde Buarque* e o segundo no dia 18 ao *Olinda*. Ao todo, foram torpedeadas 34 embarcações brasileiras, a maioria afundadas nos anos de 1942 e 1943.

A resposta do governo brasileiro foi direcionada para os “súditos do Eixo” residentes no Brasil. O Art. 1º do decreto-lei 4.166, 11 de março de 1942, determinava que os bens e direitos dos súditos alemães, japoneses e italianos responderiam pelos atos de agressão provocado pelo Eixo. O Art. 2º estabelecia uma porcentagem que variava de 10% a 30% dos depósitos bancários, ou obrigação de natureza patrimonial dos referidos estrangeiros que fossem superiores a dois contos de réis para serem recolhidos pelo Banco do Brasil^{XIII}.

Os estrangeiros foram responsabilizados por ressarcir os danos causados pelos países de suas nacionalidades. Sendo assim, o próprio decreto já denota o combate, uma vez que responsabilizava civis por um ato de guerra. A menção aos japoneses é curiosa, porque o Brasil não declarou guerra ao Japão e não ocorreram atos de agressão entre os países, mas o alinhamento com os EUA na política internacional o colocava como país inimigo. Entretanto, o pior ainda estava por vir. Após os ataques submarinos de agosto de 1942, que provocaram a entrada do Brasil na Guerra, iniciou-se o que foi definida como a segunda fase da *Campanha de Nacionalização*, correspondendo a sua intensificação e generalização para outras esferas sociais, não apenas educativa^{XIV}. Nesse período, a implantação de “campos de concentração” para os “súditos do Eixo” no Brasil correspondeu a uma das dimensões mais repressivas do governo Vargas, legitimada pelo conflito mundial^{XV}.

Nesse contexto, os cidadãos brasileiros foram instigados a combater estrangeiros da nação inimiga, parte da imprensa enquanto porta voz da nação muito contribuiu para o clima de suspeição que o estrangeiro esteve envolvido. A partir desses antecedentes, observaremos por que os torpedeamentos de agosto de 1942, ocorridos entre Bahia e Sergipe, objeto do nosso estudo, são decisivos para a mudança de tratamento para com os “súditos do Eixo”. Estudaremos mais especificamente como essas mudanças ocorreram na cidade de Aracaju a partir da análise dos periódicos locais *Folha da Manhã*, *Correio de Aracaju*, *O Nordeste* e o *Sergipe-Jornal*.

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

Nau a pique: como Aracaju recebeu a notícia dos torpedeamentos

Na manhã do dia 16 de agosto de 1942, o Capitão dos Portos de Sergipe, Gentil Homem de Menezes, diante do atraso do *Aníbal Benévolo*, que estava previsto para atracar em Aracaju no dia anterior, pediu para que os jovens pilotos do Aeroclube de Sergipe realizassem uma vistoria no litoral. Walter Baptista e Lourival Bonfim sobrevoaram o litoral da Barra de Estância (município ao sul de Sergipe) e se depararam com “esquisitas manchas”, a 60 quilômetros da costa, parecidas com enormes vitórias régias cercadas de destroços e pessoas se debatendo contra as ondas^{XVI}.

Ao avistarem um dos naufragos alcançando terra firme, pousaram para prestar socorro. A vítima, Firmino Gomes da Silva, cozinheiro do *Aníbal Benévolo*, apesar de estar ferido, recusou a carona na aeronave após o trauma sofrido no mar. Para o cozinheiro, o afundamento do navio tinha sido acidental após a explosão da caldeira. Então, os dois pilotos se dirigiram para a cidade levando a informação de um naufrágio acidental^{XVII}.

Entretanto, ao entardecer, se depararam com naufragos de outra embarcação, o *Baependy*, e souberam que o navio havia sido alvejado por um submarino; o testemunho veio do naufrago Oswaldo Ferreira Ariosa. Mais tarde, encontraram vítimas do terceiro vapor torpedeado. Diferente dos outros, o *Araraquara* foi a pique diante das luzes de Aracaju. A informação dos naufrágios por torpedeamento inimigo deixaria a cidade em pânico. Por isso, a informação foi omitida para a população num primeiro momento^{XVIII}.

Os jornais foram proibidos de veicular, pois havia ordem expressa de Lourival Fontes, diretor geral do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, do dia 05 de abril de 1942, determinando a não divulgação de notícias sobre ataques a navios brasileiros na tentativa conter o ímpeto popular diante das trágicas notícias^{XIX}. Por isso, a primeira edição do *Folha da Manhã* foi publicada apenas no dia 18 de agosto de 1942 e trazia a manchete: “De luto o Brasil – Reina consternação em todo território sergipano – Torpedeados e afundados três navios brasileiros – ‘Baependy’ – ‘Anibal Benevolo’ e ‘Araraquara [sic]’”. A manchete prosseguia com a notícia de que o *Itagiba* e *Arará* tinham sido torpedeados no litoral da Bahia; todos os ataques ocorreram entre os dias 15 e 17 de agosto por um submarino alemão^{XX}.

É válido lembrar que os torpedeamentos de agosto foram parte de uma sequência de ataques que ocorria desde fevereiro; entretanto, traziam particularidades em relação aos demais. Os vapores faziam parte da marinha mercante, transportando passageiros e cargas entre os portos nacionais. Os locais dos afundamentos ocorreram na faixa de águas nacionais; logo, foi considerado uma agressão à nação. O intervalo de tempo que os torpedos foram lançados contra o *Baependy* tornava quase nulas as chances de sobrevivência^{XXI}.

Possivelmente, Sergipe foi o único local da plataforma continental americana a ser atacado. O elevado número de vítimas, aproximadamente 600 pessoas, considerada a maior baixa brasileira na II Guerra Mundial, foi um dos agravantes para as decisões da política internacional brasileira. A guerra, antes vista como um acontecimento distante, naquele momento, se fez próxima, materializada nas praias sergipanas.

As vítimas foram lançadas contra o mar na escuridão da noite. Feridos pelas explosões, queimados por águas vivas, os sobreviventes agarraram-se aos destroços e enfrentaram o agito do mar até chegarem em terra firme. A maioria das baleeiras não foi utilizada, já que em tão pouco tempo os navios submergiram. A primeira edição publicada pelo *Correio de Aracaju* informava em sua manchete que o *Baependy* “afundou dentro de três minutos^{XXII}”.

O torpedeamento do *Aníbal Benévolo* trazia mais pesar, provavelmente por ser a embarcação mais familiar aos sergipanos, que o chamavam de *Benévolo*. O porto de Aracaju era

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

o seu destino final e alguns dos funcionários eram sergipanos. Assim escreveu o *Correio de Aracaju*:

Um, porém, tocou-lhe mais de perto a alma. Foi o “Anibal Benevolo”. É que o “Anibal Benevolo” é quase um navio sergipano. Fazia aqui o fim de sua linha, dentre seus tripulantes alguns eram sergipanos, lavadeiras de Aracajú lavavam para bordo, os sergipanos acostumaram-se a vê-lo na Ponte Lima e a viajarem nele. Era um navio também de Sergipe. Dentre os passageiros que vinham no “Benevolo”, vários sergipanos viajavam para aqui, dos quais não se tem, até agora, notícia [sic]^{XXIII}.

Ainda segundo o noticiário, o *Anibal Benévolo* foi surpreendido às quatro da manhã, enquanto todos ainda dormiam. Com um torpedo que o partiu ao meio os passageiros não tiveram tempo de subir dos seus camarotes para o convés do navio presumindo que todos que iam a bordo pereceram^{XXIV}. Nos jornais seguintes, o *Correio* atualizava as informações à medida que apareciam sobreviventes com novos relatos. Assim, no dia 21, uma nota dizia que apenas quatro pessoas do Benévolo sobreviveram.^{XXV}

Um dos sobreviventes, o já citado Firmino Gomes da Silva, trouxe a notícia do elevado número de crianças que estavam a bordo. O naufrago relatou que o vapor carregava mais de 132 pessoas e cerca de 35 crianças. A manchete provocava ainda mais consternação: “Estão sepultadas no bojo do ‘Anibal Benevolo’ mais de 30 crianças”[sic]^{XXVI}. Não há dúvidas que o evento provocou comoção, mas não somente isso. Ocorreram diversas manifestações pelo Brasil que culminaram em violência. A seguir, veremos como a revolta popular, o chamado Comício de Desagravo, foi noticiada pelo *Folha da Manhã* e *Correio de Aracaju* e posteriormente iremos compará-los com *O Nordeste*.

As manifestações segundo o *Correio de Aracaju* e *Folha da Manhã*

Os ataques, que em tão pouco tempo ceifaram centenas de vidas, traziam o horror da guerra para o cotidiano dos aracajuanos. A brutalidade do conflito registrada nas praias sergipanas alimentava o sentimento de revolta e indignação da população que saiu às ruas em busca de vingança. Aracaju não foi um caso isolado. Há registros de revoltas no Rio de Janeiro, Recife, São Luís, João Pessoa, Fortaleza, Porto Alegre, São Paulo etc. É possível identificar duas características comuns aos chamados “Comício de Desagravo”: o pedido para que o Brasil declarasse guerra ao Eixo e os atos de violência praticados contra os estrangeiros do Eixo residentes no Brasil^{XXVII}.

De acordo com o *Correio de Aracaju*, as aglomerações populares se iniciaram por volta das 11 horas do dia 17 de agosto, na rua João Pessoa, em frente ao Hotel Marozzi, onde diziam estar alguns sobreviventes. Cartazes espalhados pela cidade indicaram o horário e o local para o Comício de Desagravo, assim noticiado:

GRANDE MANIFESTAÇÃO PATRIÓTICA

Cerca das 11 e meia, chega ao local, trazida por estudantes, uma Bandeira Nacional. [...] Um estudante sobe a uma janela do hotel e fala ao povo. Estava iniciado um grande comício, no qual foram ouvidos vários oradores. A multidão vibrava de entusiasmo patriótico e pedia declaração de guerra aos inimigos da nossa soberania que mais uma vez atacaram [sic]^{XXVIII}.

A partir do fragmento anterior, se observa como o noticiário descreveu a ação enquanto

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

manifestação de patriotismo, reavivando o sentimento nacionalista que já era fomentado pelas ideólogos estadonovistas. Também se destacava o estudante, descrito de modo heroico. A bandeira nacional surgiu como símbolo que atesta a nação, utilizado para incentivar a coletividade e trazer o sentimento de unidade. Nesse sentido, após o golpe de 1937, apenas uma bandeira passou a existir para todos os estados, e para demonstrar a derrota do federalismo, ocorreu no Rio de Janeiro uma cerimônia cívica em que as bandeiras estaduais foram queimadas para demonstrar o triunfo do poder central sobre os estados^{XXIX}.

Tendo ciência do significado da bandeira nacional brasileira naquele momento, o proprietário do Hotel Marozzi, o italiano Augusto Marozzi, usou de astúcia para não se tornar alvo da fúria popular. Enquanto os ginásios ardiam em brados de guerra ao Eixo, o hoteleiro apareceu na janela do prédio enrolado em uma bandeira nacional^{XXX}.

O que chama atenção é a postura adotada pelo *Correio*, que escolheu noticiar as manifestações de modo brando, como ocorreu também com o *Folha da Manhã*. Vejamos:

A manifestação de pesar dos estudantes

Enquanto isso os colegiaes patricios, herdeiros de uma tradição de bravura e de civismo, se aglomeravam pelas ruas e praças da cidade e erguendo vivas ao Brasil, exalçavam a coragem indomita do nosso bravo marinheiro, pranteando o desaparecimento dos valentes soldados que tombaram no cumprimento do dever ante as balas assassinas do Eixo [*sic*]^{XXXI}.

A participação juvenil é explicada, sobretudo, pela ação do Estado Novo em tentar cooptar e controlar o movimento estudantil. Nesse sentido, a criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 1937, partiu da iniciativa governamental. Desde os afundamentos dos navios brasileiros, a UNE se manifestava em favor dos Aliados, enquanto o governo ainda relutava em entrar na guerra^{XXXII}. Após os torpedeamentos de agosto de 1942, a organização pressionou ainda mais pela declaração de guerra ao Eixo.

Em Sergipe, há relatos de que a participação dos jovens era composta principalmente pelos estudantes do colégio Atheneu Sergipense. A partir de notas como essa, se percebe como a preocupação jornalística estava comprometida a divulgar e promover o caráter patriótico e cívico dessas manifestações.

Para os manifestantes no Hotel Marozzi, chegou a notícia de que os sobreviventes do *Baependy* chegariam ao Palácio Olímpio Campos, sede do governo, localizado em frente à Praça Fausto Cardoso, região central de Aracaju, a aproximadamente 500 metros de distância do Hotel. Então, foi para lá que a aglomeração seguiu e onde foram concentrados os protestos do dia 17^{XXXIII}.

Na praça Fausto Cardoso, chegavam manifestantes de todo o estado e a massa popular tomava proporções cada vez maiores. Da sacada do Palácio do Governo, falou o interventor Maynard Gomes, “concitando a população a ter calma e confiança no governo federal, pois este agiria em defesa da soberania nacional”, enquanto os manifestantes bramiam em “vivas” ao Brasil e pediam pela declaração de guerra^{XXXIV}.

Falaram também os oradores civis José Fernandes, pela Liga Estudantil de Defesa Nacional; João Monteiro, da Associação Sergipana de Imprensa; Carlos Garcia, advogado e jornalista (do PCB); João Vieira de Aquino, representante dos operários; João Freire Ribeiro e Sebastião Oliveira. Entretanto, os jornais só noticiaram o discurso do interventor. Os nomes de Getúlio Vargas, o interventor Augusto Maynard e do presidente americano Roosevelt eram aclamados pelos manifestantes^{XXXV}. Provavelmente, o destaque conferido ao interventor pelos noticiários se deu enquanto figura que representava o Estado Novo a nível local. As

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

manifestações se transformaram em manifestos de apoio a Getúlio Vargas, que teve sua imagem enquanto “Chefe de Nação” fortalecida. O interventor Maynard era o seu representante imediato em Sergipe^{xxxvi}.

Todavia, provavelmente, as manifestações ganharam contornos mais violentos quando, por voltas das 14h e 30min, chegaram os naufragos do *Baependy* no Palácio Olímpio Campos. Inicialmente, se fizeram minutos de silêncio em sinal de luto e respeito pelo mortos, assim descreveu o *Correio de Aracaju*:

Cerca das 14 horas e meia chegam em varios automóveis os naufragos do “Baependy”. Muitos estavam feridos e se apoiavam aos ombrs dos companheiros de viegem, distintos elementos da sociedade estanciana e figuras do nosso meio. Foi um momento de emoção pesada, silenciosa. Mas um momento apenas, porque dentro em pouco a indignação novamente se exprimia através a palavra de guerra ao nazismo e à 5.ª Coluna [sic]^{xxxvii}.

Segundo o *Correio*, a imagem dos feridos trouxe ainda mais indignação e aumentou a ira dos manifestantes. Após os minutos de silêncio, os protestos saíram do controle e seguiram em atos de violência contra os estrangeiros. Já o *Folha da Manhã* descreveu a notícia do afundamento do *Itagiba* e *Arará*, que chegou mais tardiamente como o momento maior animosidade:

Aí então dobra a consternação do povo e a sua indignação chega ao auge. A polícia vê-se obrigada a intervir por várias vezes a fim de conter a multidão e evitar distúrbios. O povo é dócil e obedece facilmente” [sic]^{xxxviii}.

Apesar dos destaques diferentes, observamos que essas notícias, que foram divulgadas no *Folha da Manhã* e no *Correio de Aracaju*, pouco enfatizaram sobre o caráter violento das manifestações como as agressões contra estrangeiros do Eixo. O máximo de tensão que se pode inferir aparece na menção da necessidade da intervenção policial, mas logo em seguida se retratou o povo como “dócil”. O modo sutil para relatar os eventos demonstra a censura do DEIP. Após as manifestações, o esforço das autoridades seria para conter os ânimos dos populares e os periódicos se imbuíram dessa função, pois não era conveniente ao regime transparecer a desordem e indisciplina.

Não podemos entender a escolha de culpabilizar o estrangeiro sem pensar na *Campanha de Nacionalização* em curso que direcionava a culpa para ele. Talvez, para a população, os estrangeiros fossem “no calor da emoção”, o elemento mais óbvio que deveria sofrer as retaliações. Entretanto, apenas a compreensão da influência da *Campanha* é insuficiente para entendermos o que se passou em Sergipe.

Para evitar interpretações por demais esquemáticas, buscaremos reduzir a escala de observação do nosso objeto de estudo em uma análise microscópica, tal como propôs a micro-história italiana^{xxxix}. Assim, poderemos vislumbrar como intrigas pessoais se misturaram ao movimento e ajudaram a explicar por que a fúria popular recaiu mais sobre uns estrangeiros que outros. Na próxima seção, daremos destaque ao estrangeiro Nicola Mandarino, que teve sua casa depredada e essa ação noticiada pelo jornal *O Nordeste*.

As manifestações segundo *O Nordeste*: o caso Nicola Mandarino

Diferente do *Folha da Manhã* e *Correio de Aracaju*, *O Nordeste* não só relatou os atos

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

de violência praticados contra estrangeiros do Eixo, como ele próprio fez questão de travar essa batalha contra os “Súditos do Eixo”. Como demonstrado na seção anterior, as manifestações ocorreram na região central de Aracaju, na Praça Fausto Cardoso. Por coincidência ou infortúnio, a apenas 100 metros de onde ocorreram os levantes populares, morava o italiano Nicola Mandarino.

A suntuosa casa estava localizada numa região privilegiada da capital, ao lado da Catedral Metropolitana de Sergipe; a antena radiofônica que saía da torre da residência provocou boatos de que o italiano estava repassando as informações das chegadas e saídas dos navios em Sergipe para os submarinos. Da praça Fausto Cardoso, parte dos manifestantes se dirigiu para a moradia de Nicola e revidaram os torpedeamentos com depredação, incêndio e violência contra a família do indivíduo, que foi retirada às pressas da casa pela polícia. Assim noticiou *O Nordeste*:

[...] este povo, ontem numa verdadeira demonstração do patriotismo e sentimento cristão em sinal de protesto contra o derramamento do sangue de nossos irmãos impiedosamente sacrificado no fundo das águas, penetrava nalguma das “celulas” quinta-colunistas que constituíam o quartel general, entre elas a do estrangeiro Nicola Mandarino, onde encontraram armamentos proibidos bem com estações transmissoras e receptoras além de bombas perigosas, gaz lacrimante e outros apetrechos de guerra [sic]^{XL}.

No início desse fragmento, a maneira de descrever o atentado como demonstrações de patriotismo e até religiosidade é semelhante ao *Correio de Aracaju* e o *Folha da Manhã*. Entretanto, a retratação do ataque e o apoio conferido aos manifestantes pelo jornal o distingue completamente da postura adotada pelos outros dois noticiários, pois *O Nordeste* incitava ainda mais a indignação na população.

Analisando o modo como o jornal retratou a invasão à casa de Nicola, observamos o uso da palavra “penetrava”, que suaviza o atentado popular e o torna parte de um “sentimento cristão”. Dessa maneira, o discurso jornalístico justifica a agressão praticada, sendo a brutalidade popular percebida enquanto um ato de justiça.

A apreensão de objetos feita na residência do italiano realmente o colocava no banco dos réus, principalmente pela posse de armas ilegais, o cartaz com foto de Hitler e fato de o italiano se autodeclarar fascista, algo considerado crime. Todavia, não comprovava uma possível participação nos torpedeamentos. Ainda assim, ter uma estação de rádio e uma bandeira italiana, aos olhos do jornal, o tornavam criminoso: “Tambem foram apreendidos documentos, um retrato de Hitler e a bandeira italiana. Tudo isso na residência particular e na casa comercial de um cidadão estrangeiro que enriqueceu em nosso pais e ainda se naturalizou brasileiro” [sic]^{XLI}.

O Nordeste produzia um discurso repleto de xenofobia. O que uma bandeira poderia atestar enquanto prova de crime? Na terceira frase, se observa que vem à tona a aversão a Nicola, “cidadão estrangeiro enriqueceu em nosso pais”, sugerindo a impressão que a riqueza dele era, na verdade, do Brasil e a condição de estrangeiro o colocava como aproveitador. Estar no lugar de estrangeiro, nesse contexto, incomodava e a riqueza acentuava ainda mais esse sentimento. Para *O Nordeste* e as pessoas que recorreram às agressões, Nicola já tinha sido julgado e condenado como culpado. As consequências eram parte da penalidade infligida pelos torpedeamentos sofridos; nas palavras do noticiário, o italiano “premeditava contra a nossa pátria, na qualidade de agente que é dos países do Eixo”. Antes mesmo do seu julgamento, já era considerado um agente.

Nicola Mandarino nasceu em Vibonati-Sardenha, no dia 19 de junho de 1883. Sua vida profissional era voltada ao comércio principalmente em Aracaju e Itaporanga (município do leste

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

sergipano), onde era proprietário da fazenda Iolanda. Também foi proprietário de uma grande madeireira, armazém de tecidos, fábrica de sabão entre outros. E não só a casa do italiano foi depredada, seus pontos comerciais também foram atacados pelos manifestantes^{XLII}.

Comparando os jornais que analisamos até aqui, se observa que descrever o atentado como demonstrações de patriotismo foi característica comum aos três matutinos. Entretanto, a descrição do ataque e o apoio conferido aos manifestantes pelo jornal *O Nordeste* o distingue completamente da postura adotada pelos outros dois noticiários. O engajamento realizado pelo periódico desafiava até o esforço do Estado em tentar controlar os ânimos exaltados dos manifestantes. Por que o DEIP permitiu tais publicações é um questionamento que permanece. Provavelmente, parte dessa perseguição d'*O Nordeste* ao italiano dizia respeito à desavença política com o capitão Milton Azevedo, interventor que antecedeu a gestão do coronel Maynard Gomes:

Advertência que deve calar no espírito de bons brasileiros

Este foi o título do nosso primeiro artigo publicado a 23 de fevereiro do corrente ano, advertindo as autoridade do perigo que se esboçava por ocasião do torpedeamento do primeiro navio no governo do Capitão Milton Azevedo que se tornara o maior algoz do nosso jornal, mantendo a censura previa permanente, além de proibir a circulação de algumas edições, de tal modo demonstrando a sua admiração pelos elementos totalitários. As humilhações que nos foram impostas no seu governo, não poderemos jamais esquecer deante da brutalidade de que elas se revestiram. É que alguns dos elementos eixistas entre nós são amigos do peito do então interventor, destacando-se dentre outros o estrangeiro Nicola Mandarino que possuía em sua casa residencial particular e em sua propriedade rural e casa comercial, material belido proibido, fato que o interventor não deveria ignorar pois não deixou de haver que lhe advertisse [sic]^{XLIII}.

Conforme o fragmento acima, observamos que o jornal guardava ressentimentos do Capitão descrito como “algoz” justamente pela constante censura infligida ao noticiário. Provavelmente, o jornal teria advertido sobre o perigo dos “elementos eixistas” e por isso foi censurado. É possível que as desavenças entre Francisco de Araújo Macedo, proprietário de *O Nordeste*, e o capitão Milton Azevedo tenham respingado na relação do jornalista com o italiano, uma vez que Nicola era amigo do seu inimigo.

Além disso, Francisco de Araujo Macedo^{XLIV} foi um proprietário agrícola, comerciante de madeiras e jornalista. Foi intendente (cargo correspondente ao atual prefeito) do município de Estância, em seu estado, desenvolveu também uma carreira política. Mas, o que chama atenção é o comércio de madeiras; como foi dito acima, Nicola Mandarino possuía uma das maiores madeireiras da capital, localizada na região central, na esquina das avenidas João Ribeiro e Coelho e Campos. Provavelmente, como Aracaju ainda era uma cidade pequena com o comércio em desenvolvimento, talvez ocorresse algum tipo de concorrência comercial entre o italiano e o dono do jornal.

Até o momento, foi demonstrado como, além da fúria popular gerada pelos torpedeamentos, possivelmente existiram motivações pessoais, econômicas e políticas que permitem ao menos inferir como outros elementos foram aproveitados nesse momento para corroborar com a violência destinada aos chamados “súditos do Eixo”. No dia 28 de agosto, o italiano voltava às manchetes de *O Nordeste* na primeira página com mais uma acusação. À essa altura, o estrangeiro já estava preso e sua situação encaminhada ao Tribunal de Segurança Nacional:

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

Nicola Mandarino, o perigoso quinta-coluna preso em Aracajú, assassinara um homem, há doze anos na avenida Atlântica.[...] No dia 08 de março de 1930, às 4 horas da madrugada, no Bar “Mére Louise”, na avenida Atlântica, Nicola Mandarino atraindo a um reservado o seu desafeto Luiz Nunes, vulgo “Gato” com quem antes dicitira por futilidades, assassinou-o com um tiro de revólver a queima-roupa.[...] O acusado foi condenado, por cinco votos contra dois, a pena de 25 anos de prisão.[...] Nicola conseguiu a redução da pena para o grau mínimo, isto é, seis anos de prisão. [...] No dia 05 de novembro de 1932, Nicola Mandarino fugiu da Casa de Correção.[...] Em 1933, o presidente do Tribunal do Juri, Luiz Magarinos Torres, recebeu, uma carta de um sr S. Perricone, procedente da cidade de Paola, na Italia, denunciando que ali se encontrava o sentenciado Nicola Mandarino. Dizia o missivista que Nicola andava contando prosa, falando mal do Brasil, dizendo que no “Brasil ele fazia o que bem entendesse” e que “ havia fugido da prisão porque no Brasil não havia justiça”.[...] -“Nicola Mandarino”- Disse-nos o juiz Ari Franco- terá que ser internado na Penitenciária Central, onde cumprirá o resto da pena que lhe foi imposta. Seu crime prescrevia no dia 5 de novembro deste ano [sic]^{XLV}.

Nicola Mandarino estava com seu processo sendo analisado pelo Tribunal de Segurança Nacional, responsável pelo julgamento de processos envolvendo os “súditos do Eixo”. A notícia acima foi replicada do jornal carioca *Diário de Notícias* no dia 23 de agosto de 1942. Segundo ela, o juiz Ari Franco afirmava que Nicola Mandarino teria cometido um assassinato e não cumpriu a pena estabelecida. Conforme os jornais cariocas *A Noite* e *A Manhã*, as informações se confirmavam:

Noticiámos, sabbado, a scena de sangue ocorrida, pela madrugada no "Mére Louise": o chauffeur Nicola Mandarino, enciumado porque Luiz Nunes, mais conhecido por "Gato", olhava muito para a mulher que se achava em sua companhia, contra elle disparou o seu revolver, ferindo-o no hypocondrio esquerdo. O criminoso quiz fugir, procurando amedrontar o guarda-civil n. 403, que correu a prende-lo e escondendo, depois, na areia, a arma. Subjugado, porém, foi elle levado, com revólver, que um policial apprehendeu, para a delegacia do 30º districto, onde o commissario Costa Rosa o fez autuar. Luiz Nunes, o "Gato", socorrido pela Assistencia Municipal e internado depois no Hospital de Prompto Socorro, ahi veiu a fallecer, na madrugada de hoje. O cadaver foi removido para o necroterio do Instituto Medico Legal [sic]^{XLVI}.

Provavelmente, o exercício de se colocar no lugar daqueles manifestantes em algum momento levou à conclusão de que talvez o italiano teria repassado informações ao submarino, já que 10 anos antes havia assassinado um homem. A notícia confirmava o que *O Nordeste* havia publicado e pareceu coerente que o italiano era um “agente do Eixo”. E por coincidência, o crime de assassinato prescreveria em três meses; pareceu que, por ironia, os torpedeamentos teriam revelado o crime guardado por dez anos. Entretanto, no dia 26 de agosto de 1942, o periódico carioca *O Jornal* escreveu o seguinte:

Uma confusão de nomes

O italiano Nicola mandarino, de Sergipe, não foi preso como 5ª coluna Aracaju 25 (Meridional) causou dolorosa impressão nesta capital a confusão a vida em torno do Sr. Nicola mandarino. A imprensa do Rio, pela palavra do juiz Ari Franco, presidente do Tribunal do Juri, declarou que se tratava de um ex- presidiário, e cumprir a pena na casa de correção, de onde fugiu em 1932. O senhor Nicola mandarino residente em Aracaju, está radicado em Sergipe a mais de 40 anos possuindo ótimas relações e sendo muito conceituado nos círculos econômicos e financeiros do Estado. A quem fez Fortuna, transformando-a num dos mais poderosos industriais de Sergipe. Em todos os círculos se lamenta a confusão a vida em torno do nome desse conhecido

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

capitalista que possui neste Estado fabricas de tecidos e grandes fazendas [sic]^{XLVII}.

A notícia chamava atenção para a confusão feita pelo juiz, acusando Nicola Mandarino de um crime que ele não havia cometido. De acordo com o esclarecimento do periódico, fazia mais de 40 anos que Nicola Mandarino morava em Sergipe; essa informação pode ser confirmada consultando o jornal carioca *O Radical*. Em uma entrevista dada por Augusto Maynard no dia 16 de outubro de 1942, quando perguntado sobre os suspeitos, o interventor afirmou que o italiano residia em Sergipe há cerca de 42 anos. Essa idade era discrepante com a idade do Mandarino, que assassinou um homem na avenida Atlântica. O que ocorreu na verdade foi a existência de indivíduos italianos homônimos^{XLVIII}.

Esclarecida a confusão, é importante observar que, no dia 23 de agosto, o *Diário Notícias* publicou a acusação; no dia 26, *O Jornal* lançou a nota de retratação e no dia 28 *O Nordeste* publicou a notícia de acusação. Fica o questionamento sobre se o jornal já não teria acesso à notícia da confusão feita pelo juiz para publicar uma acusação sem fundamento. Apenas a publicação de uma falsa informação sobre o estrangeiro já foi suficiente para criar situação constrangedora e causava maior impacto quando já era tido como suspeito de participação nos torpedeamentos.

Em *Os dentes falsos de George Washington*^{XLIX}, Robert Darnton abordou o caso do girondino Jacques Pierre Brissot, figura revolucionária na Tomada da Bastilha no contexto da Revolução Francesa. Em certa ocasião, Darnton encontrou documentos que apontavam que Brissot era um espião da polícia. A fonte encontrada não condizia com a figura de Brissot revolucionária estudada até aquele momento. Como poderia a mesma pessoa congregar o líder revolucionário que ajudou a derrubar o Antigo Regime e ser também um espião da polícia? E qual a sua relação com Nicola Mandarino?

Observando o caso de Brissot, tiramos a lição que alguns indivíduos podem congregam contradições. Nicola Mandarino, como ele próprio disse no inquérito policial que veremos a seguir, se declarava fascista; em sua casa, foram encontradas armas etc. Mas, ser fascista não impediu que o mesmo indivíduo tivesse sofrido xenofobia e perseguição da imprensa. E, se por ventura fossem comprovados os crimes pelos quais foi acusado, não é ofício do historiador estabelecer juízo de valor. Intuitivamente, somos acostumados a elaborar julgamentos maniqueístas. Entretanto, casos como esses nos levam a entender que as contradições encontradas em alguns indivíduos, talvez, só os tornem mais humanos.

Presos políticos: estrangeiros do Eixo sob suspeita

A notícia mais recente à qual se teve acesso sobre os presos políticos data de 25 de setembro de 1942: “A polícia que vem mantendo cerrada vigilância no que diz respeito á ordem já efetuou várias prisões de elementos que julga suspeitos”^L. No dia 13 de outubro, saiu uma nota do *Correio de Aracaju* informando uma lista dos presos que foram colocados em liberdade por falta de prova. Eram estes os presos suspeitos:

1 – Frederico Gentil, 2 – Vicente Mandarino, 3 – Cristiano Cartens, 4 – Ernesto Reiiellensmann, 5 – Guilherme Freser, 6 – Otto Apenburg, 7 – Rodolfo Von Doehn, 8 – Hans George Wahle, 9 – Paul Hagenbeck, 10 – Otto Carl Weide, 11 – Kurt Michel, 12 – Carlos Sattles, 13 – Vicente Fiscino, 14 – Gunther Schmerel, 15 – Frei Eusebio Walter, 16 – Oscar Benthmer, 17 – Cari Oscar Bachhaus. Restam ainda dois. Continuarão detidos somente dois estrangeiros: Nicola Mandarino e Herbet Berby,

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

aguardando que o Tribunal de Segurança Nacional, para onde foi remetido o volumoso processo, se pronuncie a respeito^{LI}.

Primeiramente, chama atenção o tempo de quase dois meses em que os estrangeiros foram mantidos em prisão para se chegar à conclusão que 17 pessoas estavam presas sem terem cometido crimes. A prisão desses indivíduos foi baseada apenas em suas nacionalidades a países que, naquele momento, estavam em guerra com o Brasil. A divulgação dos nomes provavelmente provocava constrangimento para essas pessoas que foram expostas publicamente; entretanto, divulgá-las enquanto inocentes poderia ser também uma estratégia para que não sofressem mais perseguição por parte de populares.

No dia 16 de outubro, o *Correio* publicou o relatório do inquérito policial, documento que foi cedido ao jornal pelo Chefe de Polícia Enock Santiago. Nele, havia a apuração policial a respeito dos interrogatórios feitos aos indivíduos. Com relação aos presos que foram liberados chama atenção, de imediato, o fato de que todos eram homens; ao que parece, do encarceramento, as mulheres foram poupadas. A propósito, ser casado com brasileiras e possuir filhos brasileiros pode ter facilitado a soltura, porque no relatório foi dito do seguinte modo:

Kurt Michel – Sudéto, da Checoslováquia. Acredita não terem sido submarinos alemães que torpedeassem os navios brasileiros, porque os alemães não matavam crianças, nem corresponde ao sentido de honra do moldado alemão. Empregado da Fábrica de Tecidos S. Gonçalo em S. C., dirigiu igualmente cartas de solidariedade ao delegado (...) e ao prefeito (...). Casado com brasileira (fls. 58).

Otto Carl Weid – Alemão. Chefe da secção de eletricidade da Fábrica de tecidos S. Gonçalo, em s. Cristóvão. Fez uma declaração escrita ao delegado de polícia militar e ao prefeito municipal da cidade, casado com brasileira (fls. 56) [*sic*]^{LII}.

A menção do casamento com brasileira se repetiu na análise de Guthem Schmerkel, Oscar Benthner e Carlos Sattler, deixando a impressão de que era uma informação relevante para a polícia. Pelas apurações, pode se inferir que alguns estrangeiros foram perguntados sobre o que eles achavam do regime nazista. O alemão Otto Apenburg, por exemplo, disse que achava o regime “uma praga para o mundo e não abraça o comunismo porque ele elimina o indivíduo.” A declaração de Otto pode ser vista como uma estratégia para desviar a atenção sobre si. O historiador não dispõe de ferramentas para saber se as afirmações foram espontâneas ou não, “afinal, quando Otto diz repugnar o comunismo, ideologia voltada à coletividade, procura reforçar tal postura exaltando o individualismo. Deste modo, aparenta querer diferenciar-se dos demais^{LIII}.

A estratégia de não se afirmar como comunista se mostra como artifício, mas tal declaração também nos leva à outra conclusão. Naquele contexto, o comunista era também perseguido pelo Estado Novo, principalmente após o episódio da chamada Intentona Comunista de 1935, que foi duramente reprimida. Otto provavelmente tinha alguma noção sobre o assunto e a sua fala de não concordar com o nazismo e o comunismo “matava dois coelhos numa cajadada só”. Já Otto Carl Weid, por exemplo, fez uma declaração ao delegado para atestar sua lealdade ao Brasil. Esse tipo de iniciativa, ainda que seja também uma estratégia, evidencia o medo de sofrer retaliações.

Ainda no inquérito, observamos que apareceu o nome do Frei Eusébio “Alemão. Nada foi apurado de culpabilidade. (fls. 74)”, o que chama atenção, pois, é um religioso suspeito de participação nos torpedeamentos. Embora não tenha sido publicado nos jornais, os frades franciscano estrangeiros das Igrejas de Santo Antônio, localizada na Colina de Santo Antônio, em Aracaju e do Convento São Francisco, no município de São Cristóvão, sofreram forte

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

repressão policial. Havia a suspeita que os frades estivessem repassando informações via rádio pelo alto das torres das igrejas e emitindo sinais luminosos em direção ao mar para os submarinos. O que não ficou comprovado após polícia verificar que o alcance dos aparelhos radiofônicos era insuficiente^{LIV}.

O Governo tomou algumas medidas de segurança como a proibição da venda de aparelhos de comunicação (rádios) a alemães, italianos e japoneses através de um decreto lei:

O Presidente da República assinou um decreto-lei restringindo o regime normal de comércio de rádios, aparelhos transmissores e receptores, seus pertences e acessórios. As pessoas físicas e jurídicas que comerciam com esse ramo não podem vender a súditos alemães, italianos e japoneses, pessoas físicas ou jurídicas. Essa proibição compreende as vendas efetuadas por particulares e os casos de doação e permuta. Os aparelhos já em posse de súditos alemães, italianos e japoneses ficam sob fiscalização imediata pelas autoridades competentes [sic]^{LIV}.

Esse tipo de medida já vinha sendo tomada em outros estados brasileiros, como Rio Grande do Sul e São Paulo, por exemplo; entretanto, ficava a cargo de uma autoridade local, geralmente o Chefe de Polícia, estabelecer as proibições na cidade. A posse do rádio foi um dos elementos utilizados para levantar suspeitas com relação à contribuição nos torpedeamentos. Sobre Nicola Mandarino, o relatório trazia o seguinte sobre uma das acusações que pesavam sobre ele:

Acusado de ter uma estação de rádio transmissora; de hospedar em sua fazenda agrícola, situada no município de Itaporanga, tripulantes do submarino alemão que bombardeára os nossos navios mercantes; de possuir grande copia de armas e munições, somente essa última acusação ficou plenamente constatada. [sic]^{LVI}.

Embora o Tribunal de Segurança Nacional fosse se responsabilizar pelo caso, após quase dois meses de investigação a polícia chegava à conclusão de que apenas o porte ilegal de armas era o que o incriminava, as outras suspeitas apresentavam “discrepâncias” conforme foi escrito no inquérito. O outro estrangeiro que permaneceu preso foi o consertador de pianos alemão, Herbert Merby. Diferente de Nicola Mandarino, a acusação a Merby se baseava apenas em seu comportamento, pois trabalhando na casa do senhor Roldão Fragoso, ao se deparar com um quadro do sagrado coração de Jesus disse: “tire esse judeu cretino da parede”. Pelo relatório de apuração, Merby foi descrito como um fervoroso nazista.

Como foi dito na notícia acima, o caso de Nicola Mandarino e Herbert Merby foi julgado pelo Tribunal de Segurança Nacional, documentação à qual ainda não tivemos acesso. No dia 15 de fevereiro de 1943, o *Correio de Aracaju* publicou uma pequena nota falando que Nicola Mandarino tinha sido posto em liberdade. (POSTO em liberdade Nicola Mandarino. *Correio de Aracaju*, 15 de fevereiro de 1943. p. 04). Entretanto, no dia 22 de setembro de 1943, foi publicada uma nota no jornal carioca *Diário de Notícias* sobre a sessão plena do TSN que tinha ocorrido no dia anterior: “N. 1613, de Sergipe. Apelantes, “ex-officio”. Nicola Mandarino e M. Público. Apelados, Herbert Merby e outros. Relator, juiz Teodoro Pacheco. – Julgamento Secreto.” A partir disso, se infere que provavelmente os estrangeiros foram soltos, mas continuaram a responder o processo que corria sob segredo de justiça^{LVII}.

Quinta-colunistas em ação: “boateiros e espiões”

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

Até aqui, vimos as reações mais imediatas praticadas contra estrangeiros do Eixo através do olhar da imprensa. A partir dessa seção, buscaremos observar os discursos relacionando o estrangeiro ao “quinta-coluna”, acompanharemos esses discursos a se estender para os demais anos de guerra. A propósito, começaremos por definir o termo quinta-coluna e entender qual o seu significado no contexto de guerra.

O termo “quinta coluna” se originou na guerra civil espanhola e foi utilizado para nomear apoiadores das quatro colunas contrários ao governo da Frente Popular Republicana. No contexto da II Guerra, o termo dava nome a indivíduos que agiam como espiões em favor do Eixo em países em guerra, ou prestes a entrar em conflito. Em Sergipe, o “quinta coluna”^{LVIII} se tornou usual nos jornais, principalmente após a entrada do Brasil na Guerra.

Apesar do *Folha da Manhã* e o *Correio de Aracaju* não falarem abertamente sobre as manifestações como *O Nordeste*, a longo prazo, se observou como os dois primeiros noticiários realizaram uma espécie de campanha de combate ao estrangeiro, principalmente o *Folha da Manhã*. Nas palavras do colunista Cônego Edgar Brito, que escreveu, no dia 24 de agosto de 1942, recém-ocorrido os torpedeamentos:

Ferido agora profundamente na sua integridade a soberania nacionais, num gesto de altivez e coragem, conclama todos os seus filhos para em torno de sua que nunca conheceu o suborno expulsar o estrangeiro ingrato, que depois de receber benefícios, de toda ordem de suas mãos francas e dadivosas, acaba de mordê-las, pagando a atenção que lhe foi dispensada com uma traição covarde e negra [sic]^{LIX}.

A nota escrita por Brito na ocasião da declaração de guerra do Brasil ao Eixo demonstra o seu entendimento que os torpedeamentos teriam ocorrido por causa dos “estrangeiros ingratos” [sic] que deveriam ser expulsos. Para o Padre, naquele momento, nem os estrangeiros que declarassem lealdade ao Brasil eram dignos de confiança, conforme escreveu dois dias depois:

Metamorfoseou-se. De germanofilo emulo de Hitler, Italiano, laçao de Mussoline. Nipônico nazifascista et caterna, transformou se, por milagre, em cidadão livre. [...] Eu não sou partidario de Tomé. Sou até um pouco credulo. Porem, me desculpem. Não acredito muito no patriotismo do alemão, do italiano e do japonês que grita sou livre, sou Judeu... [...] Devemos ter muito cuidado com estes patriotas estrangeiros emprovisados e exaltados. A 5ª coluna é muito facil Juntar se uma 6a. coluna... [sic]^{LX}.

Pe. Brito utilizava essa notícia para apontar os estrangeiros que naquele momento se diziam livres; de acordo com o colunista, essas declarações eram insuficientes para atestar sua lealdade. Para justificar a narrativa, foi utilizada a história bíblica de Tomé, aquele que precisou tocar nas chagas de Cristo para crer que era realmente o Cristo revivido^{LXI}. Na visão do padre, seria preciso manter-se em vigilância com relação a essas pessoas. A fala do religioso é sintomática para percebermos o ambiente de desconfiança a que os estrangeiros do Eixo foram submetidos, pois se um religioso proferia tal discurso podemos inferir o tratamento das outras esferas sociais.

O *Folha da Manhã* publicou uma pequena nota que dizia o seguinte: “AOS ESPIÕES QUINTA COLUNISTAS E TRAIADORES SERÃO DADAS ENXADAS PÁS E PICARETAS PARA ABRIR ESTRADAS DE RODAGEM NO INTERIOR DO BRASIL – (Palavras do Presidente Vargas ao povo no dia 18 de agosto)”^{LXII}. As palavras de Vargas foram repetidas no noticiário durante quase todo o mês de setembro, as letras em maiúsculo davam ênfase a mensagem a ser transmitida e demonstravam a marcação cerrada que o jornal estava realizando. No contexto de declaração de guerra e iniciada a mobilização para a guerra, foi publicada a

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

seguinte nota no *Folha da Manhã*, em 29 de outubro de 1942:

Para um espírito superficial, o espetáculo que nos assoberba no instante da hora presente na vida do país, parecerá, talvez, um arremedo ou uma ebulição febril de ingênuos. E os quinta-colunistas, aproveitando-se desses fracos, exploram hipocritamente o sentimento hospitaleiro da nossa gente, afim de que tenhamos medo da guerra [sic]^{LXIII}.

O trecho, ao apresentar uma narrativa de que os brasileiros não temiam a guerra, poderia ser uma estratégia para mascarar uma real vontade de brasileiros que não quisessem se alistar para ir lutar num conflito mundial. Diante do jornal, essa atitude seria vista como uma “covardia”, mas na perspectiva do jornal o responsável por isso era o quinta-coluna que “hipocritamente” corrompia os “ingênuos” brasileiros. Uma das características mais atribuídas aos quintas-colunas como espalhadores de boatos, os jornais os classificavam então como “boateiros”.

A figura do quinta-coluna como “boateiro” foi difundida sobretudo pelo *Sergipe-Jornal*, no ano de 1944. Não podemos afirmar se o periódico retratava o “quinta-coluna” assim anteriormente, uma vez que não restaram fontes dos períodos anteriores. Entretanto, comparando com o *Folha da Manhã* e o *Correio de Aracaju*, observamos que esse tipo de representação esteve mais presente no *Sergipe-Jornal*. Segue a notícia publicada em novembro de 1944:

O boato ainda é a arma mais perigosa do quinta coluna. Boatejando ela tem vivido e continua a viver. nas mais diferentes camadas sociais, nas mais diversas profissões, na catedra, na tribuna, nos escritorios, nas repartições, por toda a parte lançando a baba viscosa da sua ação nefasta, impatriotica e odienta.[...] Nas ruas, nos cafés, nas praias balneárias, nas escolas sempre ha quem continue essa obra nefasta, boatejando, incidindo, criando historias de revoluções na Russia, de desentendimentos entre lideres democraticos [sic]^{LXIV}.

A notícia acima foi construída como se o “quinta-coluna” estivesse em vários lugares à espreita, para espalhar calúnias, criando o alerta nas pessoas. E esse inimigo podia ser qualquer pessoa “disfarçada” de democrata descrito como sabotadores conforme publicou o *Sergipe-Jornal* na nota “Lobos fantasiados de Cordeiro”:

Agora, mais do que nunca, é preciso se combater o fascismo e seus asseclas. Desmascarar indivíduos que andam fantasiados de Democratas [...] Ainda naquele instante, a quinta coluna, filha diléta do fascimo, irmã gêmea de Plínio Salgado, agiu à socapa, de mansinho, para evitar a declaração da guerra. [...] Ela estava presente, fantasiada na multidão, procurando solapar a ação dos democratas. [...] Quem quer que faça obra de sabotagem, quem quer que proceda como quinta coluna, aplaudindo ou elogiando regimes fascistas [...] não pode nem deve ser perdoado. Para o fascista, para o quinta coluna, não deve haver coração [sic]^{LXV}.

É válido destacar que no ano de 1944 o Estado Novo entrava em declínio. Á medida que enviava soldados brasileiros à guerra, se aumentava cada vez mais a contradição de manter um regime ditatorial no Brasil. Nesse sentido, a conotação de quinta-coluna recebeu novas atribuições, qualquer discordância com o governo poderia ser considerada quinta-colunismo. Conforme o fragmento, o quinta-coluna agiu de modo a impedir a declaração de guerra do Brasil. Entretanto, o interesse de um não envolvimento com o conflito pode ser explicado pela falta de preparo para uma ida à guerra^{LXVI}. Isso fica mais evidente na seguinte nota:

RIO,-Embora tivesse vindo a publico com um certo atrazo não perdeu, absolutamente, a oportunidade a nota do ministro da Guerra alertando o publico contra os manejos

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

sorrateiros o infames da quinta coluna. Depois de tentar inutilmente evitar a ida do corpo expedicionário para os campos de batalha os traidores vendidos, vendidos a Hitler tudo fazem para implantar o desanimo entre os parentes daqueles que estão defendendo a liberdade no solo italiano e a revolta no meio da população. A nota do titular da Guerra foi clara, citando alguns dos meios utilizados pelos quislings nacionais, que vem encontrando um veiculo Inocente das suas misérias na ingenuidade de seus compatriotas. Efetivamente é o que vem acontecendo. Os quinta colunas não agem de frente. Lançam boatos perfido, muita veses afirmando não acreditar naquilo que propalam e vão deixando a semente da sua ação miseravel, que não raro brota e estende [*sic*]^{LXVII}.

De acordo com o noticiário, se observa que as atividades apontadas como obras da quinta-coluna, provavelmente diziam mais respeito aos questionamentos que alguns cidadãos devem ter feito sobre a real necessidade da entrada no Brasil no front de guerra europeu, uma vez que o conflito mundial já estava perto do fim e já apontavam para os vencedores. Essa notícia foi publicada no momento em que os dois últimos escalões de pracinhas estavam prestes a ir para a Itália^{LXVIII}.

partir do que foi relatado anteriormente, observamos a maneira como os jornais se aproveitaram da figura do quinta-coluna para sugerir um combate aos estrangeiros do Eixo. No calor dos torpedeamentos, observamos como foram noticiadas as ações de violência contra os “súditos do Eixo” e nessa seção observamos como o combate foi além do ano de 1942 e variou conforme os interesses do Estado.

“Rei-Momo é quinta coluna perigoso^{LXIX}”: Padre Brito declara guerra a Momo

O início do ano de 1943 trazia a discussão sobre a realização do carnaval. O questionamento estava no ar e era possível auscultar o burburinho pelas notas de jornais publicadas tratando do assunto. Na ocasião, Pe. Brito logo se colocou contrário à ocorrência da festividade e publicou o seguinte no dia 02 de março:

Estamos às portas do carnaval. Os foliões já se vão preparando para o cortejo d rei Momo. Três dias de folia, de brincadeira, de farra grossa. E, haverá carnaval, de verdade, este ano, no Brasil? É possível; bem possível. [...] Quanta insensatez! que absurdo! que deslate! [*sic*]^{LXX}.

O questionamento do religioso se mostrou pertinente, o tempo de guerra para alguns não combinava com a folia do carnaval, não era conveniente festejar enquanto muitos morriam. Entretanto, o discurso proferido demonstrou a preocupação religiosa de tentar manter a ordem entre os aracajuanos, o período de “farra grossa” que permitia aos homens e mulheres da época ultrapassar os limites dos “bons costumes” não era bem visto pela igreja. Sendo assim, o padre tentava convencer os aracajuanos a não festejarem. Porém, o governo havia liberado a festividade para ocorrer apenas nos clubes sociais, mas o carnaval de rua estava proibido.

Em Sergipe, os clubes eram os recintos da elite aracajuana, voltados às atividades sociais e esportivas, como as matinês, reuniões, festas de fim de ano, bailes, chás dançantes, campeonatos de futebol, voleibol, natação, torneios de remo, festivais etc. Eram espaços concebidos para o lazer e diversão da “distinta sociedade” da época. Clubes como o Sergipe e Cotinguiba permitiam que não associados participassem das atividades através da compra de ingressos. Já a Associação Atlética de Sergipe, só permitia a participação dos seus

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

associados”^{LXXI}.

A festa naquele ano ocorreu no dia 09 de março e o assíduo colunista da página três do Folha da Manhã escreveu o seguinte:

Rei-momo é quinta coluna perigoso

O carnaval não presta. Nem em tempo de paz, quanto mais em tempo de guerra. Não é festa brasileira, porque é anti-cristã, anti-religiosa. É festa pagã, que veio da Europa, lá do tempo dos imperadores, que viviam na orgia e nos bacanaís. É festa de Roma antiga, do tempo do Coliseu e do Anfiteatro. [...] Com seu cortêjo de PIERROTS e COLUMBINAS, fazendo zigue-zagues, penetra nos cantos todos da cidade, embriaga os seus guardas, engana os políciadores, burla a vigilância e faz SABOTAGEM a valer. [...] Se o REI-MOMO tentar, por acaso, desembarque no porto da terra de Sergipe, para fazer carnaval, nos invocaremos o espírito forte do índio e mandaremos que desfilaram sua flecha envenenada em mortífera sobre a cabeça desse emulo perigoso do nipo nazifascismo assassino, que já veio uma vez camuflado a Sergipe, para beber o sangue dos seus filhos e que não é todo vir mais outra vez porque nós mataremos. [...] Não queremos o carnaval, porque é festa dos mascarados quinta-colunas [sic]^{LXXII}.

Pe. Brito, como se pode perceber, trouxe um discurso moralista a respeito da festividade e os excessos que frequentemente ocorriam nessa época festiva foram classificados como obra da quinta-coluna. A guerra foi declarada ao Rei Momo, classificando-o como um quinta-coluna a ser combatido. Inicialmente, o cônego nada falou da relação da festa com o quinta-colunismo, mas como o discurso não surtiu efeito, ao que parece, o padre intensificava sua recomendação acusando o símbolo carnavalesco por sua origem pagã romana, do país inimigo na guerra, a Itália. Para combater o personagem estrangeiro, foi evocada a figura do indígena, o cacique Sergipe, apropriado enquanto elemento nacionalista. Passados os festejos, o colunista trazia com ressentimento as consequências da festa que ele advertiu para que não ocorresse, porém não foi escutado:

"lembre-te, homem, que és pó e em pó te tornarás" Ontem, Era véspera do carnaval uns diziam dois-pontos não pode, não deve haver carnaval deste ano. Outros, ao contrário: haverá carnaval, precisamos brincar, disfarçar um pouco as tristezas e mágoas da vida. E veio o carnaval. Rei Momo teve os seus três dias de império de Franco Império... Canalha! Este tal Rei Momo que, vindo de lá das bandas nazistas e pagando de além-mar, quer estabelecer, agora, o seu reinado de licenciosidade na plagas cristãs da terra de Santa Cruz! Olhem só, que o quinta coluna, durante os três dias de carnaval, fez Sabotagem a valer. Não teve coragem de sair a rua. Assim também os seus vassalos, pierrots, colombinas e etc. Mas, as escondidas, penetrou nos salões dos bailes e fez briga forte. Não fossem ação e vigilância da polícia teria feito muita desordem. Rei Momo perigoso [sic]^{LXXIII}.

No *Diário Oficial do Estado de Sergipe*, foi publicada uma notícia que tudo tinha ocorrido bem nos bailes carnavalescos de Aracaju, o noticiário porta-voz do governo passou uma imagem de ordem^{LXXIV}. Entretanto, em sua coluna, Pe. Brito contestou essa visão ao revelar que a ocorrência de brigas e a necessidade da intervenção policial. Embora o Padre tenha se utilizado da figura de Momo enquanto estrangeiro e “quinta-coluna”, os estrangeiros do Eixo estavam proibidos de participar do carnaval daquele ano. Se essa ordem foi plenamente seguida é o que não sabemos.

Conclusões

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

Os torpedeamentos de agosto de 1942, ocorridos nos litorais sergipano e baiano, se constituíram enquanto evento decisivo para um tratamento mais hostil infligido ao estrangeiro, entendido como um potencial inimigo. Trata-se, porém, de considerar que essa mudança de abordagem ao estrangeiro estava inserida num projeto maior que se delineava desde 1937 com a *Campanha de Nacionalização*.

A partir das análises de como os periódicos noticiaram as manifestações após os ataques do U-507, observamos como o *Folha da Manhã* e o *Correio de Aracaju* estabeleceram uma postura condizente com a ordem do Governo. Enquanto *O Nordeste* se colocou ao lado dos manifestantes, principalmente com relação ao caso de Nicola Mandarinino, que possibilitou captar razões subjetivas que provavelmente corroboraram para a perseguição ao italiano.

Também foi observado o modo como os estrangeiros foram presos sem haver provas concretas, apenas baseados em suas nacionalidades, o que demonstrou o combate a eles por parte das autoridades. Dos 24 presos políticos interrogados, vimos que apenas Nicola Mandarinino e Herbert Merby tinham motivos suficientes para uma prisão e no caso do alemão basearam-se apenas em seu comportamento.

Por fim, observamos como a perseguição ao “quinta-coluna” perdurou nos posteriores anos de guerra. A maioria dos trabalhos sobre o assunto dá ênfase aos anos de 1942; entretanto, o combate se estendeu até o fim do Estado Novo.

Notas

^I Este artigo é fruto do plano de trabalho *Súditos do Eixo entre nós: ataques submarinos e perseguição aos estrangeiros em Sergipe (1942-1945)*, sob orientação do Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard. O plano foi desenvolvido pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Pibic/CNPq (2020-2021).

^{II} Dilton Cândido Santos Maynard é Professor Associado do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe onde participou do Programa Nacional de Mestrado Profissional “ProfHistória” em Ensino de História, seção Sergipe. Atualmente ocupa o cargo de Decano de Estudos do Corpo Docente (2017-2020). Maynard se especializou em história da República do Brasil, com uma dissertação sobre radiodifusão no período da ditadura conhecido como Estado Novo. No início dos anos 2000, Maynard iniciou suas pesquisas sobre a história da internet, posteriormente desenvolvendo estudos pioneiros sobre História Digital no Brasil. Paralelamente às atividades acadêmicas, Maynard atuou como orientador e coordenador nacional do Programa Brasileiro de Avaliação de Livros Didáticos, de 2008 a 2017, sendo nos últimos cinco anos responsável pelas primeiras avaliações de Objetos Educacionais Digitais - o primeiro material didático digital do Brasil. Os estudos de Maynard sobre a História e a Internet (Luminária Academia, 2011) tornaram-se uma importante referência no Brasil nos primeiros anos de pesquisa em História Digital. O site de Maynard “Memórias Segunda Guerra” conquistou o Prêmio Funarte de Produção Cultural para Internet no ano de 2011. Desde 2012, Maynard é professor convidado do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal de História, no eixo de pesquisa Poder e Instituições. Atualmente é Pró-Reitor de Graduação da Universidade Federal de Sergipe, Brasil. Bolsas de produtivo do CNPq / Brasil. E-mail: dilton@getempo.org

^{III} Graduanda de História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). É bolsista de Iniciação Científica (Pibic/CNPq/UFS). Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente-GET/UFS. E-mail: priscila@getempo.org

^{IV} MAYNARD, Dilton. Aracaju sob ataque: Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial. In: MAYNARD, Andreza S. C. MAYNARD, Dilton C. S. **Dias de Luta: Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011. p. 1-37.

^V LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. **Fontes históricas**. PINSKY, Carla Bassanezi. São Paulo: Contexto, 2005. p. 112-153.

^{VI} GERTZ, René. A Segunda Guerra Mundial nas regiões de colonização alemã do Rio Grandedo Sul. **Revista Acadêmica Licencia&acturas**. v. 3, n. 2, julho/dezembro, 2015. p. 15-25. Disponível em: <http://www.ieduc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/84>. Acessado em: 10/08/2021.

^{VII} SEYFERTH, Giralda. Os Imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: 1999. p. 201

^{viii} *Ibid.* p.204.

^{ix} GERTZ, *op. cit.* p. 21.

^x SEYFERTH, *op. cit.* p. 224.

^{xi} GERTZ, *op. cit.* p. 17.

^{xii} PERAZZO, Priscila. MAIS HISTÓRIAS DE UMA (OUTRA) GUERRA: Campos de concentração no Brasil para "súditos do Eixo" durante a Segunda GuerraMundial. **FRONTEIRAS**: Revista Catarinense de História. Florianópolis, n. 13, p. 32 (nov. 2005). Disponível em: http://www.imigracaohistorica.info/uploads/1/3/0/0/130078887/mais_hist%C3%B3rias_de_uma_outra_guerra_perazzo.pdf. Acessado em 10/08/2021.

^{xiii} BRASIL. **DecretoLei nº 4.166, de 11 de março de 1942**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4166-11-marco-1942-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado em: 19/07/2021.

^{xiv} GERTZ, *op. cit.* p.23.

^{xv} PERAZZO, *op. cit.* p. 26.

^{xvi} CRUZ, Luiz Antônio Pinto. Aracaju Torpedeada: o perigo dos inimigos internos. In: **"A guerra já chegou entre nós"**! O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942-1945). (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2012. p.78-81.

^{xvii} *Ibid.* p. 78-81.

^{xviii} *Ibid.* 80-81.

^{xix} ASSIS, Anne Raquel Lima; MAYNARD, Dilton Cândido Santos. s. O fim do mundo começou no mar: os ataques do submarino U-507 ao litoral sergipano em 1942. In: MAYNARD, Andreza Santos Cruz. MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. Editora UFS. São Cristóvão-Sergipe: 2013. p. 17.

^{xx} DE luto o Brasil. **Folha da Manhã**. 18 de agosto de 1942. ed. 01 p. 01.

^{xxi} ASSIS; MAYNARD, *op. cit.* p. 18.

^{xxii} O NAVIO afundou dentro de 3 minutos. **Correio de Aracaju**, 18 de agosto de 1942, ed. 2. p.1.

^{xxiii} O "ANÍBAL Benevolo". **Correio de Aracaju**. 18 de agosto de 1942. ed. 3. p.1

^{xxiv} PARTIDO ao meio. **Correio de Aracaju**, 18 de agosto de 1942. ed 3. p.1

^{xxv} SOBREVIVERAM somente 4 pessoas do "Anibal Benevolo". **Correio de Aracaju**, 21 de agosto de 1942. p.01

^{xxvi} ESTÃO sepultadas no bojo do 'Anibal Benevolo' mais de 30 crianças. **Correio de Aracaju**, 21 de agosto de 1942, p.01

^{xxvii} PEREIRA, Sá Flávia (org). Nordeste do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Ed. 02. LCTE Editora. 2019.

^{xxviii} GRANDE manifestação patriótica. **Correio de Aracaju**. 18 de agosto de 1942, p.1

^{xxix} CAPELATO, Maria Helena Rolim. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. (orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo do nacional- estatismo - do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. vol. 2. Editora Civilização Brasil. Rio de Janeiro: 2007. p. 117.

^{xxx} CHAVES, 2004. p.82. *Apud* CRUZ, 2012. p. 85.

^{xxxi} A MANIFESTAÇÃO de pesar dos estudantes. **Folha da Manhã**, 18 de agosto de 1942, ed. 1 p. 1.

^{xxxii} CAPELATO, *op. cit.* p.133.

^{xxxiii} GRANDE manifestação patriótica. **Correio de Aracaju**, 18 de agosto de 1942, p.1.

^{xxxiv} GRANDE manifestação patriótica. **Correio de Aracaju**, 18 de agosto de 1942, p.1.

^{xxxv} FALCÃO, 1999. p. 102. *Apud* Cruz, 2012. p. 86.

^{xxxvi} CRUZ, *op. cit.*, p. 85.

^{xxxvii} CHEGARAM os naufragos. **Correio de Aracaju**. 18 de agosto de 1942, p.1.

^{xxxviii} MAIS dois navios torpedeados. **Folha da Manhã**, 18 de agosto de 1942, ed. 02. p. 01.

^{xxxix} LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas** São Paulo: UNESP, 1992.

^{xl} CASA e propriedades do estrangeiro Nicola Mandarino transformado em quartel general da quinta coluna. **O Nordeste**, 18 de agosto de 1942, p.03 n.144.

^{xli} CASA e propriedades do estrangeiro Nicola Mandarino transformado em quartel general da quinta coluna. **O Nordeste**, 18 de agosto de 1942, p.03 n.144.

^{xlii} CRUZ, *op. cit.* p.174.

^{xliiii} ADVERTÊNCIA que deve calar no espírito de bons brasileiros. **O Nordeste**, 18 de agosto de 1942, p.03.

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

XLIV FGV-CPDOC. **Francisco de Araújo Macedo**. Disponível em:

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-de-araujo-macedo>

XLV O PERIGOSO quinta-coluna é um evadido da casa de Correção. **O Nordeste**, 28 de agosto de 1942, n.153.

XLVI PERDEU o nariz? Gato Morreu. **A Noite**. 08 de março de 1930, p.01.

XLVII UMA confusão de nomes. **O Jornal**, 26 de agosto de 1942, p.5.

XLVIII **O Radical**, 16 de outubro de 1942, p.2.

XLIX DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

L PRESOS diversas pessoas suspeitas. **Folha da Manhã**, 18 de agosto de 1942, ed. 02. p. 01.

LII POSTOS em liberdade vários súditos do Eixo. **Correio de Aracaju**, 13 de outubro de 1942. p.04.

LIII O QUE se apurou das atividades eixistas em sergipe – o relatório do chefe de polícia. **Correio de Aracaju**, 16 out. 1942. p.23.

LIV TRINDADE, Mônica Apenburg Porto. Sob suspeita: o combate aos estrangeiros em Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial. **Revista Boletim Historiar**, Sergipe. n. 04 jul./ago. 2014, p.45-61. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/2902/2568>>. Acesso em: 11/07/2019.

LIV CRUZ, *op. cit.* p. 175-177.

LVI DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE, Setembro de 1942, p. 05.

LVII O QUE se apurou das atividades eixistas em sergipe – o relatório do chefe de polícia. **Correio de Aracaju**, 16 out. 1942. p.23

LVIII OS JULGAMENTOS na sessão plena de ontem. **Diário de Notícias**, 22 de setembro de 1943. p.02.

LVIII Quinta-coluna. CPDOC da Fundação Getúlio Vargas – FGV.

LIX BRITO, Pe. Declaração de Guerra. **Folha da Manhã**, 28 de agosto de 1942. p.03.

LX BRITO, Pe. Metamorfoseados. **Folha da Manhã**, 28 de agosto de 1942. p.3.

LXI A BÍBLIA. Jesus aparece aos onze. A incredulidade de Tomé. Tradução de João FerreiraAlmeida. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003.

LXII **Folha da Manhã**, 05 de setembro de 1942. p.01.

LXIII CARVALHO, Pedro. Pacificos sim, mas não covardes. **Folha da Manhã**, 29 de outubro de 1942. p.03.

LXIV BOATEIROS. **Sergipe-Jornal**, 21 de Novembro 1944. p.01.

LXV LOBOS fantasiados de cordeiro. **Sergipe-Jornal**, 23 de outubro de 1944, p.01.

LXVI LOCHERY, Neill. Brasil: os frutos da guerra. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

LXVII SANTO, Vitor. **Sergipe-Jornal**. 18 de novembro de 1944, p. 01.

LXVIII LOCHERY, *op. cit.* 2015, p.

LXIX BRITO, Pe. Rei-Momo é quinta coluna perigoso. **Folha da Manhã**, 10 de março de 194, p.3.

LXX BRITO, Pe. Carnaval!. **Folha da Manhã**. 02 de março de 1943. p. 03.

LXXI SILVA, Néviton Felipe. Associação Atlética de Sergipe: Memórias de um passado esquecido. In: SILVA, Néviton Felipe. **Um retrato preto e branco da Associação Atlética de Sergipe**: por entre as sombras do projeto republicano (1925–1949). 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). – Universidade Federal de Sergipe. Sergipe: 2013. p. 101-137.

LXXII BRITO, Pe. Rei-Momo é quinta coluna perigoso. **Folha da Manhã**, 10 de março de 194, p.3.

LXXIII BRITO, Pe. Carnaval e depois cinzas. **Folha da Manhã**, 11 de março de 1943, p.4.

LXXIV MAYNARD, Andreza. A guerra do “pão de ouro”: a variação dos preços de alimentos em Aracaju (1939-1945). In: MAYNARD, Andreza S. C. (Org.), BARBOSA, Caroline A. (Org.), MAYNARD, Dilton C.S. (Org.). **Segunda Guerra**: Histórias de Sergipe. Recife: EDUPE, 2015.

Referências bibliográficas:

A BÍBLIA. Jesus aparece aos onze. A incredulidade de Tomé. Tradução de João FerreiraAlmeida. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003.

BRASIL. **Decreto Lei nº 4.166, de 11 de março de 1942.**

Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4166-11-marco-1942-414196-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado em: 19/07/2021.

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. (orgs.) **O Brasil Republicano: o tempo do nacional- estatismo - do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo.** vol. 2. Editora Civilização Brasil. Rio de Janeiro: 2007.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. Aracaju Torpedeada: o perigo dos inimigos internos. In: **“A guerra já chegou entre nós”!** O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942-1945). (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2012. p.15.

DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington:** um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FGV – CPDOC. **Francisco de Araújo Macedo.** Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-de-araujo-macedo>

FGV – CPDOC. **Quinta Coluna.** Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/glossario/quinta_coluna>. Acesso em: 17/07/2020. Acessado em: 10/08/2021.

GERTZ, René. A Segunda Guerra Mundial nas regiões de colonização alemã do Rio Grande do Sul. **Revista Acadêmica Licencia&acturas.** v. 3, n. 2, julho/dezembro, 2015. p. 15-25. Disponível em: <http://www.ieduc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/84>. Acessado em: 10/08/2021.

LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História:** novas perspectivas São Paulo: UNESP, 1992.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. **Fontes históricas.org.** PINSKY, Carla Bassanezi. - São Paulo: Contexto, 2005. p. 112-153.

LOCHERY, Neill. Brasil: os frutos da guerra. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

MAYNARD, Andreza S. C. (Org.), BARBOSA, Caroline A. (Org.), MAYNARD, Dilton C.S. (Org.). **Segunda Guerra:** Histórias de Sergipe. Recife: EDUPE, 2015.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe.** Editora UFS. São Cristóvão-Sergipe: 2013.

MAYNARD, Dilton. Aracaju sob ataque: Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial. In: MAYNARD, Andreza S. C. MAYNARD, Dilton C. S. **Dias de Luta:** Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011. p. 1-37.

PERAZZO, Priscila. MAIS HISTÓRIAS DE UMA (OUTRA) GUERRA: Campos de concentração no Brasil para "súditos do Eixo" durante a Segunda Guerra Mundial. **FRONTEIRAS:** Revista Catarinense de História. Florianópolis, n. 13, pp. 25- 41 (nov. 2005). Disponível em: http://www.imigracaohistorica.info/uploads/1/3/0/0/130078887/mais_hist%C3%B3rias_de

ENTRE BOATEIROS E ESPIÕES: OS ATAQUES DO SUBMARINO U-507 E OS
ESTRANGEIROS DO EIXO SOB O OLHAR DA IMPRENSA SERGIPANA (1942-1945)

MAYNARD, D. C. S.

SANTOS, P. A.

[uma outra guerra perazzo.pdf](#). Acessado em 10/08/2021.

SEYFERTH, Giralda. Os Imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: 1999.

SILVA, Néviton Felipe. Associação Atlética de Sergipe: Memórias de um passado esquecido. In: SILVA, Néviton Felipe. **Um retrato preto e branco da Associação Atlética de Sergipe**: por entre as sombras do projeto republicano (1925–1949). 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). – Universidade Federal de Sergipe. Sergipe: 2013. p. 101-137.

TRINDADE, Mônica Porto Apenburg. Sob suspeita: o combate aos estrangeiros em Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial. **Revista Boletim Historiar**, Sergipe. n. 04 jul./ago. 2014, p.45-61. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/2902/2568>>. Acesso em: 11/ 07 /2019.

Fontes:

A Noite. 08 de março de 1930, p.01.

Correio de Aracaju. 18 de agosto de 1942, ed. 01.p.01.

Correio de Aracaju, 18 de agosto de 1942, ed. 2. p.01.

Correio de Aracaju. 18 de agosto de 1942. ed. 3. p.01

Correio de Aracaju, 21 de agosto de 1942. p.01.

Correio de Aracaju, 13 de outubro de 1942. p.04.

Correio de Aracaju, 16 de outubro de 1942. p.23.

Diário de Notícias, 22 de setembro de 1943. p.02.

Diário Oficial do Estado De Sergipe, Setembro de 1942, p. 05.

Folha da Manhã. 18 de agosto de 1942. ed. 01 p. 01.

Folha da Manhã, 18 de agosto de 1942, ed. 02. p. 01.

Folha da Manhã, 28 de agosto de 1942. p.03.

Folha da Manhã, 05 de setembro de 1942. p.01.

Folha da Manhã, 29 de outubro de 1942. p.03.

Folha da Manhã. 02 de março de 1943. p. 03.

Folha da Manhã, 10 de março de 1943, p. 03.

Folha da Manhã, 11 de março de 1943, p.4.

O Jornal, 26 de agosto de 1942, p.5.

O Radical, 16 de outubro de 1942, p.2.

O Nordeste, 18 de agosto de 1942, p.03.

O Nordeste, 28 de agosto de 1942, 02.

Sergipe-Jornal, 23 de outubro de 1944, p.01.

Sergipe-Jornal. 18 de novembro de 1944, p. 01.

Sergipe-Jornal, 21 de Novembro 1944. p.01.